

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

DESIGN INSTRUCIONAL E AUTONOMIA: DESAFIOS E POTENCIALIDADES NA APRENDIZAGEM AUTOGERIDA

DOI: 10.5281/zenodo.16553756

Ana Paula da Silva

Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC). Pós Graduada em Educação Especial pela Faculdade São Marcos (FACSM). Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: anasilva14920@student.mustedu.com

Cristina Oliveira Ribeiro

Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC CAMPINAS). Psicopedagogia Institucional pela Faculdade de Carapicuíba. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: cristinaribeiro14923@student.mustedu.com

RESUMO: Este estudo investiga a integração entre o Design Instrucional e a aprendizagem autogerida no contexto da educação contemporânea. O objetivo do trabalho é analisar os fundamentos, benefícios e limitações da aprendizagem autogerida, destacando o papel do Design Instrucional como mediador e potencializador deste processo. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, que permitiu revisar e sintetizar conceitos teóricos e práticos de autores renomados. A pesquisa demonstrou que a flexibilidade e a personalização proporcionadas pelo Design Instrucional permitem que os alunos assumam o controle do seu próprio processo de aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento de competências essenciais, como a autoavaliação e a resolução de problemas. Contudo, também foram identificados desafios, como a exigência de alta autodisciplina, o risco de isolamento e as dificuldades na autoavaliação, além da complexidade na implementação de ambientes autogeridos. Em síntese, o estudo conclui que o Design Instrucional é um mediador fundamental para a promoção de uma aprendizagem autogerida eficaz, integrando tecnologias digitais e estratégias colaborativas. Recomenda-se a continuidade de pesquisas que aprofundem a aplicação prática dessas estratégias, contribuindo para a evolução das práticas pedagógicas e para a formação de aprendizes cada vez mais autônomos e preparados para os desafios do século XXI.

Palavras-chave: Design Instrucional. Aprendizagem Autogerida. Tecnologias Digitais.

ABSTRACT: This study investigates the integration between Instructional Design and self-directed learning within the context of contemporary education. The objective of this work is to analyze the foundations, benefits, and limitations of self-directed learning, emphasizing the role of Instructional Design as a mediator and enhancer of this process. The adopted methodology was bibliographic research, which allowed for the review and synthesis of theoretical and practical concepts from renowned authors. The research demonstrated that the flexibility and personalization provided by Instructional Design enable students to take control of their own learning process, fostering the development of essential skills such as self-assessment and problem-solving. However, challenges were also identified, including the demand for high self-discipline, the risk of isolation, difficulties in self-assessment, and the complexity involved in implementing self-managed learning environments. In summary, the study concludes that Instructional Design is a fundamental mediator for promoting effective self-directed learning by integrating digital technologies and collaborative strategies. It is recommended that further research be conducted to deepen the practical application of these strategies, thereby contributing to the evolution of pedagogical practices and the development of increasingly autonomous learners prepared to face the challenges of the 21st century.

Keywords: Instructional Design. Self-Directed Learning. Digital Technologies.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

1 Introdução

A rápida evolução das tecnologias digitais e as transformações ocorridas no cenário educacional global têm impulsionado a necessidade de repensarmos práticas de ensino e aprendizagem. Com a ascensão dos ambientes virtuais, a multiplicação de recursos interativos e a crescente conectividade, surge uma demanda por abordagens que sejam não apenas flexíveis, mas que também promovam a personalização do processo educativo. Em meio a essas mudanças, torna-se imprescindível que os alunos assumam um papel ativo e central em sua trajetória de aprendizagem, desenvolvendo competências que vão além do simples acúmulo de informações. Nesse contexto, o Design Instrucional se destaca como uma metodologia fundamental para a criação de experiências educacionais eficazes e significativas e de ambientes que promovam a aprendizagem autogerida. Ao colocar o estudante como protagonista de seu próprio processo de aprendizagem, a aprendizagem autogerida incentiva os alunos a definir suas próprias metas, selecionar os recursos mais adequados e monitorar seu progresso de forma contínua, contribuindo para uma formação mais independente e alinhada com as demandas do mundo atual, além de propiciar o desenvolvimento de competências essenciais para a vida contemporânea, tais como pensamento crítico, criatividade, capacidade de resolução de problemas e autogestão.

Dessa forma, o presente artigo intitulado "Design Instrucional e Autonomia: Desafios e Potencialidades na Aprendizagem Autogerida", busca explorar as aplicações deste importante recurso no ambiente educacional e tem como objetivo analisar os fundamentos, benefícios e limitações da aprendizagem autogerida, destacando o papel do Design Instrucional como mediador e potencializador deste processo. A discussão buscará evidenciar como a integração entre planejamento estratégico e tecnologia pode transformar os ambientes educacionais, promovendo uma aprendizagem mais dinâmica, personalizada e eficaz.

A metodologia adotada para este estudo foi a pesquisa bibliográfica, baseada na revisão de literatura existente sobre o tema. Foram analisados artigos científicos, livros e publicações relevantes. Este método permite uma visão abrangente e crítica, fundamentada em evidências teóricas e empíricas.

O trabalho está estruturado em três partes principais, sendo a primeira, a presente introdução, a segunda, onde conceituamos Design Instrucional e aprendizagem autogerida, além de apresentarmos suas abordagens e desafios. Por fim, a terceira parte apresenta as considerações finais deste estudo.

2 Design Instrucional E Aprendizagem Autogerida: Conceitos e Abordagens

O Design Instrucional pode ser definido como um processo sistemático e deliberado de planejamento, desenvolvimento, implementação e avaliação de experiências de aprendizagem. Seu principal objetivo é alinhar conteúdos, estratégias pedagógicas, recursos didáticos e métodos de avaliação para otimizar a eficácia do ensino e facilitar a aquisição de conhecimentos pelos alunos. Segundo Reigeluth (1999), "o design instrucional deve ser fundamentado em teorias que permitam a personalização e a adaptabilidade dos processos educativos", enfatizando a importância de alinhar objetivos, métodos e recursos de forma coesa.

Filatro (2008), reforça essa perspectiva ao destacar que o Design Instrucional não se trata apenas da organização de conteúdos, mas sim de uma abordagem estratégica que integra as necessidades do aprendiz com o uso consciente das tecnologias digitais. Segundo a autora, a eficácia do design reside na capacidade de criar ambientes flexíveis e centrados no aluno, onde a interação entre os diversos recursos e mídias possibilita a construção colaborativa e contextualizada do conhecimento. Além disso, a integração de tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem potencializa as possibilidades de customização e *feedback*, aspectos essenciais para a criação de ambientes que estimulam a autonomia, como nos afirma Kenski (2007). Dessa forma, o Design Instrucional se apresenta como um mediador essencial na transformação dos processos de ensino, permitindo a criação de contextos onde o aluno pode se tornar protagonista de sua própria aprendizagem.

A aprendizagem autogerida, também conhecida como autodirigida, é caracterizada pela capacidade do indivíduo de assumir a responsabilidade pelo seu próprio processo de aprendizagem. Knowles (1975) define esse conceito afirmando que se trata de um processo no qual o aprendiz identifica suas necessidades, estabelece metas, busca recursos, escolhe estratégias e avalia seus resultados. Essa abordagem está intimamente ligada à andragogia, na medida em que enfatiza a importância da experiência prévia, da motivação intrínseca e da autoconfiança no desenvolvimento do conhecimento.

Candy (1991), complementa essa visão ao destacar que a autodireção não é um atributo inato, mas uma habilidade que pode ser desenvolvida ao longo da vida, enfatizando que o processo de aprendizagem contínua depende da capacidade de autogestão. Brockett e

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Hiemstra (1991), também reforçam essa perspectiva ao afirmar que a aprendizagem autogerida é um processo proativo que envolve a definição de objetivos, a organização de recursos e a avaliação crítica do próprio desempenho, o que coloca o estudante no centro de sua trajetória educativa.

Filatro (2008), complementa essa discussão ao enfatizar que a aprendizagem autogerida vai além da mera autonomia na escolha de conteúdos. Para ela, essa modalidade envolve a construção de uma postura reflexiva e autocrítica, onde o aluno integra conhecimentos teóricos com experiências práticas, promovendo uma aprendizagem mais profunda e significativa.

A promoção da aprendizagem autogerida por meio de um design instrucional bem estruturado apresenta diversas vantagens. Em ambientes educacionais modernos, a flexibilidade e a personalização do processo de aprendizagem são fundamentais, permitindo que o aprendiz assuma o controle do seu percurso formativo e organize seus estudos de acordo com seu ritmo e necessidades individuais. Essa abordagem torna o aprendizado mais significativo e relevante, conforme destaca Moran (2015) ao afirmar que a educação contemporânea deve integrar as inovações tecnológicas de forma a promover a autonomia e a construção coletiva do conhecimento, enfatizando a importância de ambientes flexíveis que se adaptam às demandas de cada estudante.

Além disso, a autogestão do processo de aprendizagem contribui para o desenvolvimento de competências pessoais essenciais. Ao estimular habilidades como planejamento, organização, autoavaliação e resolução de problemas, a autonomia do aluno promove não apenas a aquisição de conhecimento, mas também o aprimoramento de capacidades fundamentais para o desenvolvimento contínuo ao longo da vida. Knowles (1975), ressalta que a capacidade de dirigir a própria aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento contínuo de competências ao longo da vida, evidenciando a importância dessa abordagem na formação de indivíduos preparados para enfrentar desafios diversos.

A liberdade de escolher os próprios caminhos de aprendizagem também eleva a motivação intrínseca e o engajamento dos alunos. Quando os estudantes podem decidir sobre suas trajetórias educacionais, o envolvimento com o conteúdo se torna mais profundo e dinâmico. Brockett e Hiemstra (1991), afirmam que esse protagonismo transforma o aprendizado em uma experiência rica, promovendo um envolvimento ativo que potencializa tanto a assimilação de conhecimentos quanto o desenvolvimento de uma postura crítica e investigativa.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Por fim, a integração tecnológica exerce um papel central nesse cenário, ao facilitar o acesso a recursos diversificados e promover interações eficazes entre alunos, colegas e professores. Siemens (2005), ressalta a importância do conectivismo ao declarar que o conhecimento se distribui através de uma rede de conexões, e a aprendizagem consiste em conectar informações e pessoas. Assim, as plataformas digitais e ferramentas interativas não só ampliam o acesso ao conhecimento, mas também reforçam a promoção da autonomia, contribuindo para a construção colaborativa e dinâmica do saber.

2.1 Desafios e Limitações da Aprendizagem Autogerida

Apesar dos benefícios, a aprendizagem autogerida também apresenta desafios que precisam ser considerados. Primeiramente, há a exigência de alta motivação e autodisciplina, uma vez que nem lá todos os aprendizes possuem a predisposição ou a capacidade para se autogerenciar. Candy (1991) aponta que, embora a autodireção seja uma habilidade que pode ser desenvolvida, ela requer um nível significativo de autoconhecimento e disciplina, o que pode representar uma barreira para alguns estudantes. Além disso, a autonomia pode conduzir ao risco de isolamento e à falta de interação, pois a liberdade individual pode reduzir as oportunidades de troca e construção coletiva do conhecimento.

Moran (2007), alerta que as novas tecnologias, se não integradas de forma colaborativa, podem promover um aprendizado individualizado que fragiliza a troca de experiências e a construção conjunta de saberes. Outro desafio relevante é a dificuldade na autoavaliação; sem o suporte e o *feedback* necessários, os estudantes podem ter problemas para identificar lacunas em seu conhecimento e ajustar suas trajetórias de aprendizagem. Reigeluth (1999), destaca que o design instrucional deve incorporar estratégias que possibilitem a autoavaliação e o *feedback*, garantindo a eficácia do processo educativo. Por fim, a complexidade na implementação de ambientes que promovam efetivamente a aprendizagem autogerida também é um fator limitante, pois exige um planejamento meticuloso e a integração de múltiplas ferramentas tecnológicas, representando um desafio tanto para instituições quanto para educadores.

Para potencializar os benefícios e minimizar esses desafios, o papel do design instrucional torna-se central. Uma das estratégias é a estruturação de roteiros de aprendizagem, na qual a criação de guias e cronogramas auxilia os alunos a definirem metas claras e a monitorarem seu progresso. Knowles (1975), enfatiza que a autodireção efetiva

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

depende da clareza dos objetivos e da capacidade do aprendiz de se autoavaliar continuamente. Outra estratégia fundamental é a incorporação de tecnologias digitais; a utilização de plataformas de ensino *on-line*, fóruns de discussão e sistemas de *feedback* automatizado facilita o acesso a recursos diversificados e promove a interação entre os participantes. Siemens (2005), reforça essa ideia ao afirmar que o conhecimento se expande através das conexões estabelecidas em ambientes digitais, destacando o papel crucial da tecnologia na promoção da autonomia. Além disso, a criação de ambientes colaborativos, mesmo em contextos autogeridos, é essencial para enriquecer o processo de aprendizagem, pois a interação entre os alunos potencializa a construção coletiva do conhecimento. Moran (2015), ressalta que a construção coletiva do conhecimento potencializa a aprendizagem individual, permitindo a troca de experiências e o desenvolvimento de competências socioemocionais. Por fim, a formação contínua dos educadores é indispensável para que possam planejar e implementar estratégias que incentivem a autonomia dos alunos sem perder o papel orientador. Kenski (2007), argumenta que o educador, ao integrar tecnologias e métodos inovadores, transforma o ambiente de aprendizagem em um espaço dinâmico e interativo.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo analisar os fundamentos, benefícios e limitações da aprendizagem autogerida, destacando o papel do Design Instrucional como mediador e potencializador deste processo. Através de uma pesquisa bibliográfica, o presente estudo evidenciou que a integração do Design Instrucional com a aprendizagem autogerida constitui uma abordagem promissora para a educação contemporânea. Ao longo do trabalho, foi demonstrado que a flexibilidade e a personalização proporcionadas por essa metodologia possibilitam que os alunos assumam um papel ativo em sua formação, organizando seus estudos de acordo com suas necessidades e ritmos individuais. Ficou claro também que essa autonomia favorece o desenvolvimento de competências essenciais, como o planejamento, a autoavaliação e a resolução de problemas, além de estimular a motivação intrínseca e o engajamento com o conteúdo.

Por outro lado, o estudo apontou desafios significativos, tais como a exigência de alta autodisciplina, o risco de isolamento e as dificuldades inerentes à autoavaliação, bem como a complexidade na implementação de ambientes de aprendizagem autogerida. As estratégias

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

discutidas, como a estruturação de roteiros de aprendizagem, a incorporação de tecnologias digitais, a criação de ambientes colaborativos e a capacitação contínua dos educadores, revelam-se fundamentais para mitigar essas limitações.

Dessa forma, o trabalho reafirma a importância do Design Instrucional como mediador da aprendizagem autogerida, promovendo ambientes educacionais mais dinâmicos e eficazes. Recomenda-se que estudos futuros aprofundem a aplicação prática dessas estratégias em diferentes contextos, contribuindo para a evolução contínua das práticas pedagógicas e para a formação de aprendizes cada vez mais autônomos e preparados para os desafios contemporâneos.

Referências Bibliográficas

Brockett, R. G., & Hiemstra, R. (1991). *Self-Directed Learning: A Guide for Learners and Teachers*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Candy, P. C. (1991). *Self-Direction for Lifelong Learning: A Comprehensive Guide to Theory and Practice*. San Francisco: Jossey-Bass.

Filatro, A. (2008). *Design Instrucional na Prática*. Pearson Prentice Hall.

Kenski, V. M. (2007). *Tecnologias e Ensino: Perspectivas sobre a Educação e as Novas Mídias*. São Paulo: Editora Paulinas.

Knowles, M. (1975). *Self-Directed Learning: A Guide for Learners and Teachers*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Moran, J. M. (2007). *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas: Papirus.

Moran, J. M. (2015). *A Educação que Desejamos: Novos Desafios e como Chegar Lá*. São Paulo: Papirus.

Reigeluth, C. M. (1999). *Instructional-Design Theories and Models: A New Paradigm of Instructional Theory*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Siemens, G. (2005). *Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age*. *International Journal of Instructional Technology and Distance Learning*, 2(1), 3-10.